

## A INTERFERÊNCIA DO PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA NA AQUISIÇÃO DO INGLÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

MAUREN GARCIA PINHO<sup>1</sup>; SÍLVIA COSTA KURTZ DOS SANTOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade Federal de Pelotas, bolsista PROEXT

E-mail: maurengpinho@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Associado IV do Centro de Letras e Comunicação da UFPel, orientadora do trabalho.

E-mail: silviacostakurtz@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Aprender uma língua estrangeira (LE) não é tarefa fácil, pois envolve uma variedade de habilidades cognitivas, além de requerer muito tempo, treino e prática. Segundo LEFFA (1988, p. 212), a “aquisição é o desenvolvimento informal e espontâneo da segunda língua, obtido normalmente através de situações reais, sem esforço consciente”. Já a concepção de aprendizagem, refere-se ao “desenvolvimento formal e consciente da língua, normalmente obtido através da explicitação de regras” (ibidem). Dessa forma, o aprendiz costuma fazer uso de sua língua materna (LM), também conhecida por primeira língua (L1), ou qualquer língua que ele tenha aprendido anteriormente, como base, ou seja, a ela recorrendo em busca de estruturas e significados já estabelecidos, bem como intercalando as palavras da LE com a L1, a fim de promover sua autonomia no idioma que está sendo adquirido. Em vista disso, LITTLEWOOD<sup>1</sup> (1984) afirma que a transferência do conhecimento anterior para uma nova tarefa é algo econômico e produtivo para o aluno de LE.

Em contrapartida, assim como a LM pode ser benéfica na aquisição de um novo idioma, ela também pode acarretar certas desvantagens quando empregada de forma errônea. Quando o aprendiz a utiliza, ele tenta transferir as competências linguísticas que possui internalizadas para as habilidades de recepção e de produção na língua-alvo. A este processo dá-se o nome de *transferência*, tema central do presente trabalho, que, sob uma perspectiva behaviorista (LITTLEWOOD, 1984), se divide em *transferência positiva* e *transferência negativa*, também denominada *interferência*. A primeira ocorre por meio da harmonização entre os sistemas linguísticos da LM e da LE, o que facilita para o aluno e o conduz ao acerto; já na segunda, por outro lado, ocorre uma dissonância entre ambas as línguas, dificultando a aprendizagem do aluno.

Diante disso, a pesquisa realizada tem como principal objetivo investigar o fenômeno da interferência do português língua materna na aprendizagem de inglês língua estrangeira em nível básico, mais precisamente em relação aos aspectos semânticos, morfológicos e sintáticos, com vistas a estabelecer implicações pedagógicas passíveis de promover a melhoria da prática de ensino em cursos de extensão oferecidos à comunidade pela UFPel.

---

<sup>1</sup> As traduções que compõem este trabalho foram realizadas pela autora.

## 2. METODOLOGIA

Sob a perspectiva da pesquisa-ação educacional, que, segundo TRIPP (2005, p. 445), é “uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”, a autora deste trabalho e também ministrante do curso de extensão Língua Inglesa IV realizou a coleta e a análise de dados de atividades escritas realizadas por dezoito alunos adultos durante o primeiro semestre letivo de 2015.

Assim, agindo na prática e investigando a respeito dela, optou-se por investigar o fenômeno recorrente da interferência da língua portuguesa na produção em língua inglesa, de forma a estabelecer correspondências entre o que se pode encontrar através de uma revisão bibliográfica acerca do tema e os dados gerados pelos alunos em sala de aula.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de dados possibilitou identificar diferentes manifestações do fenômeno de interferência, dentre as quais apresentamos a seguir as de tipos mais recorrentes. As interferências aparecem sublinhadas nas frases produzidas pelos aprendizes, seguidas de frases em português que levam em consideração os objetivos comunicativos dentro dos contextos de produção, bem como de discussões acerca das possíveis justificativas para as interferências.

### (1) Uso equivocado de adjetivo possessivo

Exemplo: “*My cat is brown and white, but your mother is all brown.*”

Objetivo comunicativo: “Meu gato é marrom, mas a mãe dele é toda marrom.”

O aluno utilizou “your”, que se denomina em inglês “adjetivo possessivo”, ao invés de utilizar “its”, “his” ou “her”. Esse é um erro muito comum entre brasileiros aprendizes de língua inglesa em nível básico, uma vez que, em língua portuguesa, o que denominamos “pronomes possessivos” admite flexão de gênero, número e pessoa, podendo haver correspondência nas formas relativas à 2ª pessoa do singular e do plural (você/vocês) e à 3ª pessoa do singular e do plural (ele/ela, eles/elas). No entanto, os chamados adjetivos possessivos em língua inglesa não apresentam flexão de gênero e de número, além do que há apenas uma correspondência nas formas relativas à 2ª. pessoa do singular e à 2ª. pessoa do plural (your). Quanto às formas da 3ª. pessoa do singular, destaca-se a presença de três pronomes sujeitos em língua inglesa, “he/she/it” e dos respectivos adjetivos possessivos “his/her/its”. Em língua portuguesa, temos os equivalentes pronomes pessoais do caso reto, nas formas “ele/ela”, masculino e feminino, não havendo correspondência para o neutro “it”, usado em referência a coisas, objetos, animais, situações ou ideias já mencionadas, e que tem “its” como adjetivo possessivo.

Nesse sentido, o uso equivocado do adjetivo possessivo “your” se justifica pela interferência proveniente da língua portuguesa, ou seja, pela tradução de “seu/sua” em português, que no inglês, observando a flexão de gênero, corresponderia às formas “his/her”, respectivamente para masculino e feminino. Assim, a escolha correta de adjetivo possessivo a princípio seria “its”, pronome

neutro usado para animais, ou “his”, assim identificando seu gato de estimação como macho.

## (2) Omissão de verbo auxiliar em frase interrogativa

Exemplo: “*What \_\_\_\_ you want to do this weekend?*”

Objetivo comunicativo: “Que você quer fazer este fim de semana?”

No exemplo acima ocorre outro caso de interferência na estrutura sintática. O aluno, ao tentar formular uma pergunta, não utilizou o verbo auxiliar do presente simples “do”, uma vez que, como o próprio nome diz, sua função é a de auxiliar o verbo principal, sendo também utilizado em estruturas afirmativas enfáticas, negativas e interrogativas, além de também atuar na substituição de um verbo lexical ou em uma oração predicativa. Assim, em língua inglesa, para formar frases interrogativas no presente simples, deve-se utilizar o verbo auxiliar “do” anteposto aos pronomes sujeitos “I/you/we/they” e “does” para he/she/it”. Como tais regras não têm equivalência em língua portuguesa, a omissão do verbo auxiliar “do” na frase interrogativa produzida pelo aprendiz representa um tipo de interferência sintática da LM na produção em LE.

## (3): Posição de adjetivo e acréscimo de morfema de plural

Exemplo: “*My sports favorites are soccer and volleyball.*”

Objetivo comunicativo: “Meus esportes favoritos são futebol e voleibol.”

Nesta oração há uma interferência sintática e outra morfológica que resultam da interferência da LM. A primeira está relacionada com a ordem posição do adjetivo na frase. Em língua inglesa, os adjetivos antecedem os substantivos e/ou precedem os verbos de ligação, porém, na língua portuguesa, os adjetivos podem tanto vir antepostos quanto pospostos aos substantivos. Já a segunda interferência refere-se à flexão de número do adjetivo “favorite”, acrescido do morfema de plural –s. Neste caso, a interferência da L1 se justifica porque a flexão dos adjetivos em número condiz com as regras da língua portuguesa, o que não ocorre na língua estrangeira alvo.

## (4) Tradução literal e uso incorreto do léxico

Exemplo: “*I have eighteen years old.*”

Objetivo comunicativo: “Eu tenho dezoito anos.”

Neste exemplo ocorre uma interferência de caráter semântico, que é outro aspecto considerado muito comum entre os aprendizes brasileiros de inglês como língua estrangeira. A frase tipicamente usada para dizer a idade em língua inglesa é ensinada como não passível de tradução literal, pois resultaria em “Eu sou/estou dezoito anos velho”. Nesse caso, parece estranho que possa ocorrer qualquer tipo de transferência, especialmente porque, não havendo a possibilidade da tradução literal, se espera que a frase seja aprendida como se apresenta. No entanto, a substituição do verbo “to be” (“ser/estar”) por “have” (“ter”), parece ser um recurso através do qual o aprendiz estabelece um ponto em comum entre a LE e a L1, usando, na estrutura em inglês, o mesmo verbo que seria usado em português.

Dessa forma, ao invés de produzir “*I am eighteen years old*”, o que se produz é “*I have eighteen years old*”.

#### (5) Uso equivocado do léxico

Exemplo: “*I love to go to the library and buy new books.*”

Objetivo comunicativo: “Eu amo ir à livraria e comprar livros novos.”

Nesta frase ocorre uma interferência semântica de falsos cognatos, também chamados falsos amigos, que são palavras ou dialetos existentes em duas línguas que se parecem ou soam semelhantes, todavia se diferem completamente ou parcialmente quanto ao significado. Em virtude disso, o aluno, ao tentar expressar que ama ir à livraria comprar livros novos, utilizou o léxico “library” de forma equivocada. Isso se justifica, tendo em vista que, apesar de “library” ser semelhante à palavra “livraria” em língua portuguesa, sua correspondência de sentido se dá com a palavra “biblioteca”. Na frase produzida pelo aprendiz, a escolha adequada para estabelecer correspondência de sentido com a palavra “livraria” em língua portuguesa teria sido o vocábulo em inglês “bookshop”.

### 4. CONCLUSÕES

A experiência prática de ministrar aulas em um curso básico de extensão de língua inglesa oferecido à comunidade pela UFPel é uma oportunidade ímpar de aprendizagem, contribuindo positivamente para a formação inicial de profissionais de ensino, ao mesmo tempo em que possibilita o aperfeiçoamento da prática, através da pesquisa.

A realização deste trabalho de pesquisa-ação possibilitou a reflexão informada pela literatura acerca do fenômeno de interferência do português língua materna na aquisição do inglês língua estrangeira, o que acarretou em ajustes metodológicos ao longo do curso e otimizou o processo de aprendizagem dos alunos.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 212

LITTLEWOOD, William. **Foreign and second language learning: Language acquisition research and its implications for the classroom**. [S.l.]: Cambridge University Press, 1984, p. 17-25

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.